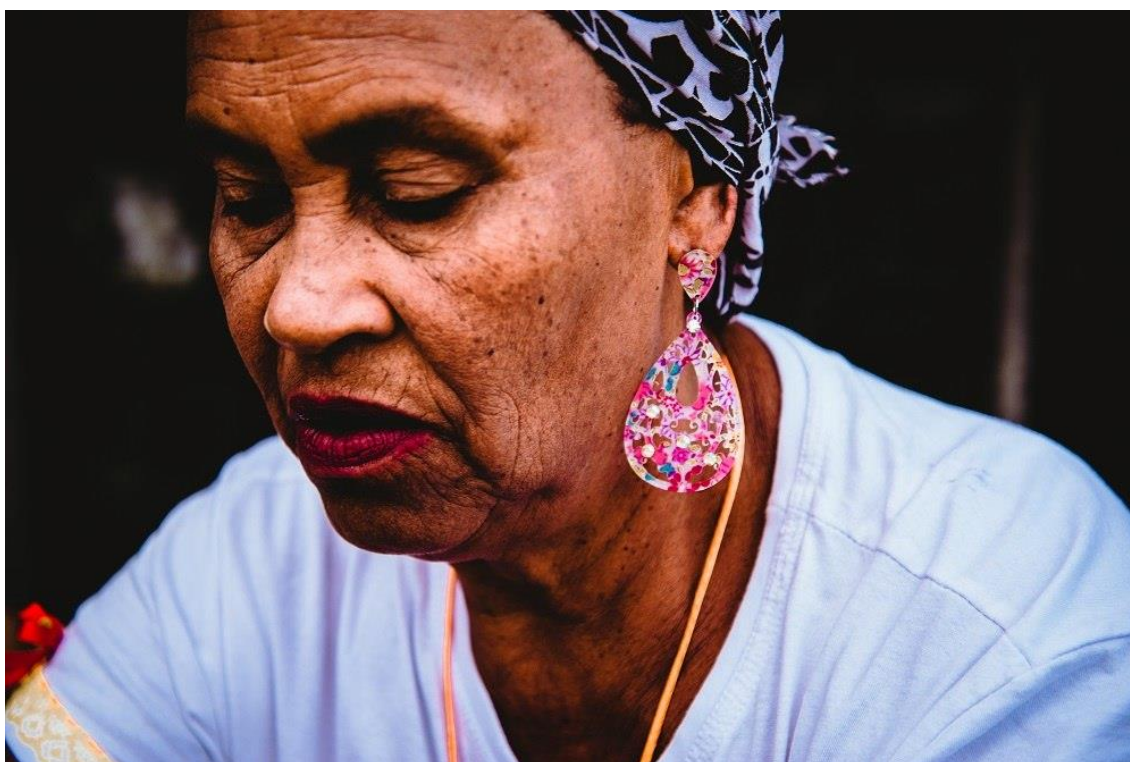


OLHARES DOCENTES

Yasmin Falcão

Mestranda da Universidade de São Paulo

Afeto e invenção das tradições nas comunidades quilombolas¹



Mulher quilombola da Serra do Juá. Foto: Iara Pereira.

O afeto, devir, oralidade e memória são matérias processuais. Nesse sentido, memória se relaciona corpo, ao passo que a afetividade estrutura a dinâmica da memória. Fato esse que me foi ensinado por Cesarino (2013)², pois “aos poucos, o corpo se torna apto a favorecer a memória,

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Educação Escolar Quilombola, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

² CESARINO. Pedro de Niemeyer. Cartografias do cosmos: conhecimento, iconografia e artes verbais entre os Marubo. **Revista Mana** vol.19 n.3 Rio de Janeiro Dez. 2013. Disponível em: < Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 33, fev. 2020 - ISSN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com.br

mas é bastante singular a noção de corporalidade aqui envolvida – e, por consequência, os sentidos possíveis do próprio processo de memorização”.

Outro ponto que pretendo trazer para a discussão é relativa à memória de trauma³. A questão correlata que desperta meu interesse é no sentido que o quilombo existe enquanto tal porque os povos africanos e seus descendentes precisaram conceber estratégia para sobreviver quando foram libertos das décadas escravidão. Portanto, essa história de passado catastrófico está diretamente ligada com está na concepção dos devires quilombolas, fazendo com que as fotografias das celebrações sejam também imagens de barbárie.

É necessário que a escrita desse trabalho seja clara no que diz respeito a autenticidade do local que se apresenta. O sentimento quilombola é diverso, portanto, não há um grupo quilombola que tenha suas manifestações culturais iguais a outros grupos. A resposta caminha para a compreensão de que o jeito que os indivíduos traduzem suas memórias naquele território é único e exclusivo. Já nos diria Wagner Roy (2012)⁴,

A memória, é claro, é uma parte vital e básica de nós mesmos. Não conseguiríamos viver sem ela. Mas a cultura não se resume a ela, pois contém um outro lado, que é a invenção. Estou usando o termo “invenção” como uma palavra mágica. A invenção é a metáfora. A metáfora é o que acontece quando inventamos com a linguagem.



Frente a essa consideração, trabalho com hipótese de que cada quilombo possui suas próprias acepções de devir. Apresentarei o devir como sentimento que impulsiona a invenção das tradições. Melhor dizendo, por considerar toda a pluralidade histórica, linguística, fonológica e semântica das comunidades quilombolas existentes é preciso acreditar na existência de devires quilombola, seja em um mesmo quilombo ou/e em todos os existentes. Assim, em cada comunidade existe vários devires próprios (como invenção de tradições, os sentidos dos cantos, sentidos da religião).

Artesanato produzido por mulheres quilombolas da Serra do Juá.
Foto: Divulgação.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132013000300002 . Acessado em novembro de 2029.

³ BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: Benjamin, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense. 197-221. 1994.

⁴ ROY, Wagner. A invenção Antropologia. Disponível em <<http://zelmar.blogspot.com/2012/04/invencao-da-antropologia.html>>. Acessado em novembro de 2019.